

A NATUREZA DOS MODISMOS NA IGREJA

Alailson Sivirino Dias¹

RESUMO

O presente estudo investiga a influência dos modismos na Igreja, com foco nas práticas e doutrinas temporárias que surgem em resposta às demandas culturais e emocionais, mas que, muitas vezes, se afastam dos ensinamentos bíblicos. A pesquisa visa analisar os impactos desses modismos, como o enfraquecimento da profundidade teológica, a perda da centralidade de Cristo e a diluição da mensagem do Evangelho. Através da reflexão sobre as orientações de teólogos antigos e contemporâneos, a pesquisa propõe que a Igreja deve permanecer firme na fidelidade às Escrituras, resistindo à tentação de adaptar sua mensagem para se acomodar a cultura. Ao contrário da busca pela relevância cultural a qualquer custo, a Igreja deve focar na edificação espiritual sólida e na proclamação inalterada do Evangelho. A fidelidade à doutrina bíblica e ao evangelho de Cristo deve ser o alicerce fundamental para a Igreja enfrentar os desafios contemporâneos.

Palavras-chave: Modismos. Igreja. Doutrina bíblica. Relevância cultural.

ABSTRACT

This study investigates the influence of fads on the Church, focusing on temporary practices and doctrines that arise in response to cultural and emotional demands, but which often deviate from biblical teachings. The research aims to analyze the impacts of these fads, such as the weakening of theological depth, the loss of the centrality of Christ, and the dilution of the Gospel message. Through reflection on the guidelines of ancient and contemporary theologians, the research proposes that the Church must remain firm in fidelity to the Scriptures, resisting the temptation to adapt its message to accommodate culture. Contrary to the search for cultural relevance at any cost, the Church must focus on solid spiritual edification and the unchanging proclamation of the Gospel. Fidelity to biblical doctrine and the gospel of Christ must be the fundamental foundation for the Church to face contemporary challenges.

Keywords: Fads. Church. Biblical doctrine. Cultural relevance.

¹ Teólogo, mestre e doutorando em Ciências da Religião, professor universitário e pastor vocacionado.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A crescente popularização dos modismos na Igreja tem sido uma questão central nas discussões sobre a saúde teológica e espiritual das comunidades cristãs. O objeto de pesquisa deste estudo são os modismos presentes na Igreja, com foco nas práticas e doutrinas que surgem em resposta às demandas culturais e emocionais da sociedade, mas que frequentemente se distanciam da verdadeira essência do Evangelho.

A justificativa para este estudo reside na constatação de que esses modismos, embora muitas vezes atraentes e eficazes em atrair um público expressivo, têm comprometido a profundidade da adoração e a fidelidade doutrinária, impactando negativamente a edificação espiritual dos fiéis e a verdadeira missão da Igreja.

O objetivo principal é analisar as implicações desses modismos, contrastando-os com os ensinamentos bíblicos e com as orientações de pensadores e teólogos renomados, como Spurgeon, Lewis, Stott e A.W. Tozer. A pesquisa também propõe investigar como a Igreja pode responder a essas tendências, mantendo-se firme na verdade das Escrituras. Para tanto, o problema central que se coloca é: de que maneira os modismos têm alterado a prática e a mensagem da Igreja e como ela pode resistir a esses desvios sem comprometer sua missão fundamental?

Sendo assim, a hipótese provisória deste estudo sugere que, ao adotar práticas inovadoras e doutrinas superficiais, a Igreja pode estar negligenciando o conteúdo transformador e imutável do Evangelho, desviando-se da centralidade de Cristo e dos princípios bíblicos. A busca de certa coerência interna neste trabalho conduziu a escolha de uma orientação teórica que se baseia nas Escrituras Sagradas, no pensamento de grandes nomes da Igreja e nas reflexões de teólogos contemporâneos.

O elemento comum é o alerta contra a busca por relevância a qualquer custo e defesa da necessidade de preservar a integridade doutrinária, reconhecendo os efeitos da queda sobre a totalidade do ser humano, incluindo o intelecto, as emoções, a vontade e a espiritualidade.

1. A NATUREZA DOS MODISMOS NA IGREJA

A palavra “modismo” tem sua definição como certas tendências ou práticas temporárias que frequentemente surgem e se afloram em uma resposta a demandas culturais ou emocionais. Na igreja, no entanto esses modismos podem declinar para técnicas de adoração “inovadoras”, que no afã de trazer algo agradável ao público, perde a essência da genuinidade bíblica, e de incluir doutrinas e teologias que divergem das escrituras.

Embora possam atrair multidões e gerar entusiasmo, sua superficialidade e desconexão com as Escrituras frequentemente comprometem a verdadeira edificação espiritual. Este termo tem um sentido objetivo de desvio doutrinário por não ser fundamentado na bíblia, ter levantes históricos controversos e apresentação teológica inconsistente para a vida da igreja. A prática modista descortinou propósitos de conveniência e táticas proselitistas entre os seus principais atores de proclamação.

Movimentos que se desenvolvem em ramificações e espalham suas invenções e inovações que quase sempre são caracterizadas por exageros e tentativas da representação física e palpável do sagrado; os tradicionais sustentam uma posição restritiva a tais manifestações, exatamente por preservarem seu padrão litúrgico e doutrinário inalterados, e que tal firmamento em dogmas da tradição por si mesmo se constitui como oposição aos modismos.

Desta forma tornou-se notório o crescimento agigantado de igrejas com ênfases “modernas”, que se utilizam de mecanismos carismáticos, e muitas das vezes de apetrechos persuasivos, emprestados de técnicas da psicologia, em seus fundamentos de pregação. Muitos consideram o crescimento numérico como a aprovação deste tipo de trabalho, no entanto, tratando-se de evangelho, a máxima não se completa em encher igrejas de pessoas, e sim de encher as pessoas de Cristo.

Um exemplo clássico foi o movimento do “Evangelho da Prosperidade”, que ganhou força no século XX, prometendo bênçãos materiais em troca de fé e ofertas financeiras. Embora atraente para muitos, essa doutrina foi amplamente criticada por desviar o foco da centralidade de Cristo e da santificação espiritual.

Na Bíblia, encontramos alertas claros contra práticas que desviam da verdade. Pedro, em sua segunda epístola, advertiu contra “heresias de perdição” (2Pe 2.1-2), enfatizando a necessidade de fidelidade à doutrina apostólica. Paulo,

por sua vez, encorajou os cristãos a não serem levados por “ventos de doutrina” (Ef 4.14), destacando a importância do crescimento em maturidade espiritual.

Neste contexto Charles Spurgeon, também conhecido como o "Príncipe dos Pregadores", nos advertiu sobre os perigos de um evangelho diluído, ou raleado. Ele afirma em seu livro que “não cabe à igreja inventar novidades, mas preservar o Evangelho tal como foi entregue”. Para Spurgeon, esses modismos frequentemente desviam a atenção da centralidade de Cristo, que é o ponto principal de nossas pregações, e por fim promovendo distrações que não edificam, não apontam o céu e nem levam ao arrependimento.

Para o escritor C.S. Lewis (1898 – 1963), em seu livro *O Cristianismo Puro e Simples* destacou o valor da doutrina sólida, comparando-a a uma âncora em tempos de tempestade. Ele afirma que a busca por relevância muitas vezes nos conduz ao esquecimento do essencial (LEWIS, 2005). A influência cultural, segundo Lewis, deve ser subordinada à verdade eterna das Escrituras, e não centralizar as vontades terrenas, como prosperidade, curas, e outras experiências. Por outro lado, o conhecido pensador anglicano John Stott (1921 – 2011) deixou esse ponto ainda mais dramático quando ao registrar que:

A principal razão para toda traição ao verdadeiro Jesus é que nós ouvimos com exagerada deferência a moda contemporânea, ao invés de escutarmos a Palavra de Deus. A busca por relevância torna-se tão impetuosa que nós sentimos que temos que capitular diante dela, independente do custo. Estamos acostumados a esse tipo de pressão no mundo dos negócios, onde quem determina o produto da firma são os especialistas em marketing, ao descobrirem o que irá vender, o que o público irá comprar. Às vezes parece que o mercado impõe suas regras também à igreja. Com toda prestatividade, nós cedemos ao espírito moderno, tornando-nos escravos da última moda, e até mesmo idólatras, dispostos a sacrificar a verdade no altar da modernidade. Então a busca por relevância acaba se degenerando, transformando-se em uma obsessão por popularidade (STOTT, 2005, p. 11).

Ainda sobre esse prisma, o autor Max Lucado (1955 –), por sua vez, no livro *Simplesmente como Jesus*, enfatizou a importância de manter o foco na transformação espiritual genuína, em vez de aderir a tendências passageiras. Ele escreveu que a igreja não é chamada a entreter, mas a transformar. Essa frase carrega um peso grande, porque ao compararmos, podemos analisar que em muitos púlpitos, o foco tem sido principalmente as coisas terrenas, conquistas e

holofotes antropocêntricos. Já nos tempos de Spurgeon essas tendências já eram realidade, por isso mesmo, avaliou o pregador batista com seriedade:

Existe um mal entre os que professam pertencer aos arraiais de Cristo, um mal tão grosseiro em sua imprudência, que a maioria dos que possuem pouca visão espiritual dificilmente deixará de perceber. Durante as últimas décadas, esse mal tem se desenvolvido em proporções anormais. Tem agido como o fermento, até que toda a massa fique levedada. O diabo raramente criou algo mais perspicaz do que sugerir à igreja que sua missão consiste em prover entretenimento para as pessoas, tendo em vista ganhá-las para Cristo. A igreja abandonou a pregação ousada, como a dos puritanos; em seguida, ela gradualmente amenizou seu testemunho; depois, passou a aceitar e justificar as frivolidades que estavam em voga no mundo, e no passo seguinte, começou a tolerá-las em suas fronteiras; agora, a igreja as adotou sob o pretexto de ganhar as multidões (SPURGEON, 2000, s/p).

2. A RESPOSTA BÍBLICA AOS MODISMOS

Os bereianos são frequentemente citados como modelo de discernimento espiritual. De acordo com Atos 17.10-11, eles examinavam diariamente as Escrituras para verificar se o ensino que recebiam era fiel à Palavra de Deus. Esse princípio deve orientar as igrejas em relação à adoção de novas práticas e doutrinas.

O apóstolo Paulo também enfatizou a importância de evitar ser levado por ventos de doutrina (Efésios 4.14), encorajando os cristãos a crescerem em maturidade espiritual e firmeza na verdade. Esse crescimento é essencial para que a igreja permaneça fiel à sua missão de proclamar o Evangelho e edificar os santos. Não é sem razão que Radmacher, Aulen e House (2010) ao discorrerem sobre a passagem da carta aos Efésios destacaram que: “líderes instruídos são responsáveis pelo aperfeiçoamento dos santos; estes, estando bem preparados, fazem a obra do ministério e, conseqüentemente, o corpo de Cristo é edificado” (RADMACHER; AULEN; HOUSE, 2010, p. 509).

Ao longo de nossa história, a igreja tem sido influenciada por diversas tendências culturais. Durante a Idade Média, por exemplo, existiram práticas supersticiosas, como a venda de indulgências, o culto às relíquias que ganharam espaço na Igreja Católica Romana (ICAR). A Reforma Protestante, no século XVI, surgiu como uma resposta a esses desvios, propondo o resgate da autoridade das Escrituras e reafirmando o Evangelho da graça.

Esse resgate e valorização das Escrituras como respostas aos modismos de seu tempo, pode ser verificado na escrita de vários reformadores, a exemplo de Jacó Arminio (1560 – 1609). O professor holandês da Universidade de Leiden destacou que:

[...] a Igreja sempre teve Moisés e os profetas, os evangelistas e os apóstolos, isto é, as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento; e essas Escrituras, de forma plena e clara, compreendem o que é necessário para a salvação. Sobre eles a Igreja irá colocar as bases de sua fé e sobre eles repousará como em uma base inabalável, principalmente porque, por mais que possamos apreciar as Confissões e os Catecismos, cada decisão sobre questões de fé e religião deve obter a sua resolução final nas Escrituras (ARMÍNIO, 2015, p. 306).

Não há dúvidas de que os movimentos reformadores do século XVI carregavam boa dose de críticas às tendências daquele contexto, algo que incluía não só questões estritamente doutrinárias e teológicas, mas também os influxos dos humanismos. Isso se nota nas reflexões do reformador de segunda geração João Calvino ao observar que:

[...] de todos os escritos humanos, não há nenhum que, por mais que esteja ornado de requintes de engenho e arte, tenha o poder que a Escritura tem de comover-nos. Admito que a leitura de Demóstenes ou Cícero, de Platão ou Aristóteles, ou de qualquer outro da classe deles, nos atrai maravilhosamente, nos deleita e nos comove ao ponto de nos arrebatarmos. Mas, quando deles nos transferimos para a leitura das Escrituras Sagradas, queiramos ou não, elas nos despertam tão vivamente, penetram de tal modo o nosso coração e de tal maneira se fixam em nossa medula, que toda a força dos retóricos e dos filósofos se evapora, em comparação com a eficácia das Escrituras no sentimento que nos infundem. Daí se infere que é fácil perceber que as Escrituras Sagradas têm certa propriedade divina pela qual nos inspira. De longe essa qualidade supera todas as virtudes da criatividade humana (CALVINO, 2002, p. 73).

Nota-se, no excerto acima, que Calvino se importava com a *ortodoxia*, a doutrina correta, algo que justificava sua ênfase nas Escrituras. Notadamente, essa mesma ênfase também era responsável por provocar as emoções corretas, ou seja, a *ortopatia*, aquilo que na linguagem do avivalista Jonathan Edwards, adquiriu o significado de “afeições religiosas”, sobretudo, “do amor e da alegria” (EDWARDS, 2018, p. 19).

As evidências históricas, no entanto, indicam que no século XIX irrompeu um movimento que trouxe um renovado fervor espiritual, mas também

experimentou excessos como os encontros marcados por emoções descontroladas e manifestações questionáveis. Além disso, foram adotadas práticas estranhas às Escrituras, objetos fetichizados com conotações litúrgicas, atribuindo a tais objetos o poder de cura, libertação e transformação.

Segundo os proponentes desse tipo de fetichismo, algo que se traduz como “adoração de tudo quanto impressiona a imaginação e a que se atribui poder” (SILVA; SILVA, 2009, p. 332), observa-se certa transferência de poder a lenços, água ungida, entre outros adereços. Não é sem razão que vozes como a de Charles Spurgeon advertiram sobre a necessidade de equilibrar emoção e verdade bíblica.

Nesse ponto é preciso destacar os efeitos *noéticos* da queda. O termo é derivado da palavra grega *nous* (νοῦς) que significa mente, razão, intelecto. Dessa forma diferentemente daquela avaliação positiva da razão e de sua pretensa autonomia e capacidades, uma boa teologia bíblica da queda admite o fato incontestável, demonstrado no nível da experiência, que até mesmo a capacidades cognitivas, mentais e racionais foram afetadas pelo pecado. O homem todo, sua mente, corpo, emoções e vontade, sofreu os impactos negativos da queda. Por certo, a obra de Cristo aplicada ao homem, contempla sua totalidade, e isso inclui as emoções.

Entretanto, nos tempos modernos, observa-se a ascensão de movimentos como o “culto contemporâneo”, que introduziu inovações musicais e litúrgicas. Embora tenha contribuído para a aproximação de novos públicos, também geraram críticas sobre a superficialidade e a perda de reverência no culto. Por exemplo, igrejas que adotaram estéticas excessivamente parecidas com shows seculares foram acusadas de diluírem a mensagem do Evangelho.

Aliás, a sociedade do entretenimento atraiu a igreja de tal modo que até mesmo cerimônias com “alto nível sacramental” como o casamento, tem sido engolida pelo espírito da época. Tornou-se recorrente nessas cerimônias, entradas espetaculares, com direito a show pirotécnico, danças sensuais e outras extravagâncias. A seriedade, responsabilidade, senso de dever e sentido de profundidade advindo das representações cristãs sobre o matrimônio como instituição divina, tem dado lugar ao puro entretenimento.

Além disso, casos como o das igrejas “*seeker-friendly*” mostram como a busca por atrair grandes audiências pode levar a compromissos perigosos.

Autores como John Stott (1921 – 2011) alertaram que moldar a mensagem para agradar a cultura pode sacrificar a essência do Evangelho. Em situações extremas, há relatos de igrejas que substituíram a pregação bíblica por discursos motivacionais ou práticas de entretenimento.

Outro exemplo é a proliferação do “evangelho da prosperidade”, que ganhou força no século XX e permanece influente. Essa doutrina distorce passagens bíblicas para afirmar que Deus garante riquezas materiais e saúde perfeita a quem tiver fé suficiente, desviando o foco do verdadeiro Evangelho, que enfatiza a redenção e a vida eterna em Cristo.

2.1 O caminho da firmeza doutrinária

Diante desses desafios, como a igreja deve responder? O exemplo dos bereianos oferece um norte: examinar tudo à luz das Escrituras. Em vez de adotar práticas ou doutrinas pela popularidade, a igreja deve perguntar: "Isso glorifica a Deus? Isso é fiel à Palavra?".

Líderes espirituais também devem investir no discipulado sólido, promovendo o crescimento espiritual dos membros. Paulo, ao escrever a Timóteo, ordenou que pregasse a Palavra "a tempo e fora de tempo" (2 Timóteo 4.2), sabendo que haveria tempos em que as pessoas buscariam ensinamentos que agradassem aos ouvidos.

Por fim, é importante lembrar que, embora a igreja deva se adaptar em termos de métodos para comunicar o Evangelho, nunca deve comprometer sua mensagem. O Evangelho de Cristo é imutável e continua sendo a única esperança para um mundo perdido. Novamente as palavras de Armínio devem ser lembradas, uma vez que, conforme entendia o reformador de Leiden: “cada decisão sobre questões de fé e religião deve obter a sua resolução final nas Escrituras” (ARMÍNIO, 2015, p. 306).

3. IMPACTOS NEGATIVOS DOS MODISMOS

Os modismos enfraquecem a igreja de diversas maneiras. Ao priorizar tendências que apelam às emoções e experiências sensoriais, frequentemente há negligência à profundidade teológica e à formação espiritual duradoura. Evidentemente não se nega aqui aquilo que James K. Smith denominou de *homo liturgicus*, ou seja, não defendemos uma antropologia reducionista que pensa o

ser humano apenas como *homo rationale*, *homo faber*, *homo economicus* ou até mesmo como o *homo religiosus* de Victor Frankl (1905 – 1997) ou de Mircea Eliade (1907 – 1986).

Como ponderou Smith (2018), somos seres no mundo, mergulhados nele, de modo que toda experiência importa, uma vez que nosso ser no mundo é marcado pelo desejo, por uma orientação afetiva, pré-cognitiva, algo que nos empurra ou atrai. Assim:

Dizer que o ser humano é, no fundo, alguém que ama é enfatizar que somos o tipo de animal para quem as coisas têm importância de acordo com maneiras que geralmente não articulamos e não podemos articular. Há uma espécie de impulso (ou atração, dependendo da metáfora) que nos empurra (ou nos puxa) para que hajamos de determinadas maneiras, para que desenvolvamos certos relacionamentos, busquemos determinados bens, façamos sacrifícios e desfrutemos de certas coisas. E no fim das contas, se nos perguntassem por que fazemos tais coisas, acabaríamos por bater nos limites da articulação, embora “saibamos” por que o fazemos: é por causa daquilo que amamos. (SMITH, 2018, p. 52).

De todo o modo, práticas controversas, desvios litúrgicos podem muito bem sinalizar o que ponderou Smith (2018), algo para além de uma abordagem cognitivista, ou seja, são desvios do desejo, do amor, algo de inquietude identificado por Agostinho em sua conhecida oração: “porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós” (AGOSTINHO, 2004, p. 37).

De fato, essas inquietudes podem gerar divisões internas entre os membros, ameaçando a unidade da igreja. Evidentemente, outro perigo é o desvio doutrinário, onde teologias não bíblicas afastam a mensagem central do Evangelho e colocam em risco a salvação de muitos. Um exemplo notável do perigo das *heterodoxias* ou heresias teve lugar na antiga igreja, levando o *hagiógrafo* a contundente advertência:

Amados, não deem crédito a qualquer espírito, mas provem os espíritos para ver se procedem de Deus; porque muitos falsos profetas têm saído mundo afora. Nisto vocês reconhecem o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus (ARA – 1 Jo 4:1-2).

Nota-se à luz da história da igreja e da teologia histórica que tais ameaças são recorrentes. Ainda na igreja antiga pós-apostólica Atanásio (296 – 373 d.C.),

bispo de Alexandria teve que encarar o grande desafio de condenar o arianismo tendo em vista o perigo que representou, algo que na avaliação acertada do pai da ortodoxia nicena, colocava em risco a própria salvação, uma vez que se Cristo não fosse Deus encarnado, nenhum homem poderia ser salvo. Desse modo, admite-se aqui que o conteúdo importa, o ensino correto é fundamental, lembrando, entretanto, que ortodoxia sem amor é algo vazio, deficiente, e que pode apontar para atitudes legalistas e anticristãs.

Todavia, para evitar os perigos dos modismos, a igreja deve buscar ser fiel à Palavra de Deus, reconhecendo-a como autoridade suprema em todas as questões de fé e prática. Foi exatamente isso que fez Atanásio, por isso também ficou conhecido como o “pai do cânone. Além disso, discernimento espiritual também é essencial, sendo cultivado por meio da oração e do estudo bíblico. Sendo assim, é indispensável investir em ensinamento sólido, garantindo que pastores e líderes promovam uma compreensão abrangente do Evangelho.

O autor A.W. Tozer (1985) em seu livro *A Busca por Deus*, afirmou que a igreja que perde sua fome pela santidade e pela Palavra torna-se irrelevante. Sua ênfase na adoração verdadeira e na busca pelo Espírito Santo é um chamado contra as distrações modernas. Assim, é crucial que a igreja mantenha o foco em sua missão de glorificar a Deus e proclamar o Evangelho genuíno. Por isso mesmo, o autor considerou sua própria época levantando o seguinte prognóstico:

Cada época tem suas próprias características. Nesse exato instante encontramos-nos em um período de grande complexidade religiosa. A simplicidade existente em Cristo raramente se acha entre nós. Em lugar disso, vemos apenas programas, métodos, organizações e um mundo de atividades animadas, que ocupam tempo e atenção, mas que jamais podem satisfazer à fome da alma. A superficialidade de nossas experiências íntimas, a forma vazia de nossa adoração, e aquela servil imitação do mundo, que caracterizam nossos métodos promocionais, tudo testifica que nós, em nossos dias, conhecemos a Deus apenas imperfeitamente, e que raramente experimentamos a sua paz (TOZER, 1985, p. 17).

Como afirmou o apóstolo Pedro, devemos permanecer firmes na verdade, resistindo aos falsos ensinamentos e perseverando na esperança da salvação em Cristo (2Pe 1.12-15). Ao seguir esse caminho de fidelidade, a igreja será edificada sobre fundamentos sólidos, pronta para enfrentar os desafios de cada geração. De todo o modo, apesar de nós, das limitações do povo de Jesus, avancemos

com confiança, pois “aquele que começou a boa obra em vós há de completá-la até o dia de Cristo Jesus” (ARA – Fl 1:6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que os modismos na Igreja, embora possam parecer uma resposta válida às demandas culturais, geram uma série de impactos negativos, desde o enfraquecimento da profundidade teológica até a diluição da mensagem do Evangelho.

A busca por atrair grandes públicos e promover experiências sensoriais e emocionais tem gerado divisões e comprometido a unidade da Igreja, ao mesmo tempo em que se observa um desvio progressivo da fidelidade às Escrituras. Ao analisar as advertências de líderes cristãos do passado e do presente, ficou evidente que a verdadeira missão da Igreja não é entreter ou agradar aos desejos culturais contemporâneos, mas sim proclamar o Evangelho genuíno e edificar os fiéis com uma doutrina sólida e inabalável.

A resposta bíblica aos modismos, como exemplificado pelos bereianos e pelas orientações do apóstolo Paulo, é clara: a Igreja deve examinar todas as práticas e doutrinas à luz das Escrituras, buscar o crescimento espiritual por meio de um discipulado robusto e resistir às tendências que comprometem a mensagem do Evangelho.

Por fim, constata-se que a fidelidade a Cristo e à Sua Palavra deve ser a base sólida sobre a qual a Igreja se edifica, pronta para enfrentar os desafios culturais e as pressões externas, sem renunciar a sua missão de glorificar a Deus e proclamar a salvação em Cristo.

Os modismos na igreja refletem uma tendência preocupante de priorizar o apelo emocional e cultural em detrimento da profundidade teológica e da fidelidade bíblica. Embora seja importante que a igreja busque comunicar o Evangelho de maneira contextualizada, isso nunca deve ocorrer ao custo de diluir a mensagem imutável de Cristo.

Além disso, James K. A. Smith, em suas reflexões sobre o *homo liturgicus*, nos lembra que os seres humanos são fundamentalmente moldados pelo desejo e pela prática habitual. Ele destaca que nossa adoração não é meramente racional, mas também afetiva e corporal, sendo guiada por aquilo que amamos e

aspiramos. Nesse sentido, Smith alerta que práticas litúrgicas malformadas podem orientar nossos afetos de maneira inadequada, afastando-nos da verdadeira adoração a Deus. Quando a igreja adota modismos que reduzem o culto a mero entretenimento ou experiência emocional, ela corre o risco de formar indivíduos que buscam satisfação em estímulos superficiais, e não em Cristo.

Dessa forma, os líderes e comunidades cristãs têm o desafio de construir práticas de adoração que moldem os fiéis de acordo com a Palavra de Deus, formando hábitos espirituais que cultivem um amor profundo e genuíno pelo Criador. Isso requer discernimento, coragem para resistir às pressões culturais e compromisso com a fidelidade doutrinária.

Portanto, a igreja deve permanecer vigilante, sempre retornando às Escrituras como sua autoridade máxima, como ressaltado por pensadores como Armínio, Calvino e Stott. Somente assim será possível resistir aos desvios trazidos pelos modismos, preservando a integridade da fé cristã e cumprindo sua missão de glorificar a Deus e edificar os santos. O verdadeiro Evangelho não precisa de inovações para ser relevante; ele é eternamente poderoso e suficiente para transformar vidas em qualquer contexto cultural ou histórico.

Por fim é preciso registrar que devido à complexidade do tema, o estudo exige maior atenção. Evidentemente essas linhas são apenas introdutórias apontando para a possibilidade de desdobramento da reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

ARMÍNIO, Jacó. **As obras de Armínio**. v.1. Trad. Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri, 1993.

CALVINO, João. **As institutas**: edição especial para estudo e pesquisa. v.1. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009.

EDWARDS, Jonathan. **Afeições religiosas**. Trad. Marcos Vasconcelos e Marcelo Cipolla. São Paulo: Vida Nova, 2018.

LEWIS, C.S. **Cristianismo Puro e Simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LUCADO, Max. **Simplemente como Jesus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

RADMACHER, Earl. ALLEN, Ronald B. HOUSE, H. Wayne. **O novo comentário bíblico AT, com recursos adicionais:** a Palavra de Deus ao alcance de todos. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SMITH, James K. A. **Desejando o reino:** culto, cosmovisão e formação cultural. Trad. A.G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2018.

SPURGEON, Charles H. **Alimentando as ovelhas ou divertindo os bodes?.** São Paulo: Fiel, 2000. (recurso eletrônico). Disponível em: <https://encurtador.com.br/lpJTB>. Acesso em 31 de dez. de 2024.

SPURGEON, Charles. **All of Grace.** Londres: Passmore & Alabaster, 1886.

STOTT, John. **Cristianismo Equilibrado.** São Paulo: ABU Editora, 2008.

STOTT, John. **Ouçá o Espírito, ouçá o mundo.** Trad. Silêda Silva Steuernagel. 2. ed. São Paulo: ABU Editora, 2005.

TOZER, A.W. **A Busca por Deus.** 4.ed. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1985.